



## OS “SUMÁRIOS” DA VIDA CRISTÃ NOS ATOS DOS APÓSTOLOS: EXEGESE BÍBLICA E HERMENÊUTICA AGOSTINIANA

(The "summary" of Christian life in the Acts of the Apostles:  
Biblical exegesis and Augustinian hermeneutics)

**Jacir Silvio Sanson Junior\***

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo  
E-mail: jasisaju@hotmail.com

### RESUMO:

Este trabalho aborda os “sumários” da vida cristã, nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16), como textos que se iluminam reciprocamente e mantêm entre si conexões internas e externas, bem como relações com o Evangelho segundo Lucas e o *corpus paulinum*. A análise do contexto literário dos sumários favorece uma visão mais exata de seu conteúdo, além de uma compreensão mais integral de sua mensagem que, aliás, repercute na tradição patrística não só como valor apoloético, mas como edificação da comunidade monacal e paradigma da compreensão de Igreja (Santo Agostinho). Os sumários se estabelecem assim como relatos fundamentais, aos quais o Magistério frequentemente recorre com o intuito de diversificados propósitos.

**Palavras-chave:** Sumários; Atos dos Apóstolos; Teologia bíblica; Santo Agostinho; Concílio Vaticano II.

### ABSTRACT:

This article examines three texts in the Acts of the Apostles called “summaries” (Act 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16). These texts illuminate one another, keeping each other internal and external connections, as well as relations with the Gospel according to Luke and the *corpus paulinum*. The analysis of the literary context of the summaries favors a more accurate view of its content, and a more comprehensive understanding of its message which moreover has repercussions on the patristic tradition not only as apologetic value, but as building the monastic community and paradigm to understand the Church (St. Augustine). The summaries are established as the fundamental reports, to which the Magisterium often uses in order to a variety of purposes.

**Keywords:** Summaries; Acts of the Apostles; Biblical theology; St. Augustine; Second Vatican Council.

## INTRODUÇÃO

O livro dos Atos dos Apóstolos registra três passagens onde estão sucintamente relatadas a estrutura e o cotidiano da primitiva comunidade cristã de Jerusalém. Essas perícopes



recebem o nome de *sumários*, pois são breves e não adentram em minúcias descritivas, fato que leva à suposição de se tratar de retratos não completamente factíveis, porém com margem a certa idealização.

Independentemente desse problema, os três sumários foram uma importante fonte de inspiração para a vida cristã na antiguidade, como se destaca no acervo agostiniano. Também na atualidade, seus conteúdos constituem a mensagem central de exortações magisteriais, dos quais não se excluem nenhum estado ou forma de vida, seja consagrada, seja laical.

Uma aproximação exegética a estes textos, a saber, a. Atos 2,42-47; b. Atos 4,32-35; e c. Atos 5,12-16, tende a nos situar melhor diante da mensagem que eles portam, desvendando algumas sutilezas não perceptíveis a leituras demasiado desatentas.

Ocorre assim que a observação da estrutura maior (externa) e de uma menor (interna) projeta conexões não visíveis a um primeiro olhar, favorecendo a apreensão de camadas mais profundas no próprio texto.

## **1 O CONTEXTO LITERÁRIO E ESTRUTURA MAIOR DOS SUMÁRIOS**

Algumas observações iniciais podem ser obtidas a partir de uma perspectiva mais alargada das páginas dos Atos. Um sentido bastante apropriado para os três sumários da vida cristã alvorece do contexto de sua localização com o projeto redacional de Lucas, tal como exposto na primeira metade de sua composição.

Os sumários estão alojados em meio a vários gêneros literários. Os doze primeiros capítulos do livro dos Atos compõem um conjunto menos organizado e mais recortado por discursos, orações, apelos e narrativas<sup>1</sup>. Contudo, uma disposição sequencial e preliminar dos textos nos põe às mãos uma importante hipótese: é passível que o significado dos sumários seja intensificado por sua relação com o bloco maior onde se estrutura.

Tentaremos expor algumas indicações mediante o esquema abaixo:



- At 1,1-11: prólogo e ascensão;
  - *At 1,12 – 5,42:*
    - Grupo dos apóstolos e substituição de Judas (1,12-26)
      - E. Pentecostes (2,1-13)
        - A. Discurso de Pedro (2,1-41)
          - Primeiro sumário**
          - D. Cura de um aleijado (3,1-10)
          - A'. Discurso de Pedro (3,11-26)
          - \*
        - B. Pedro e João diante do Sinédrio (4,1-22)
          - C. Pedro e João soltos – oração (4,23-31)
            - Segundo sumário**
            - D'. Generosidade de Barnabé (4,36-37)
            - D''. Fraude de Ananias a Safira (5,1-11)
            - Terceiro sumário**
            - C'. Prisão e libertação dos apóstolos (5,17-21a)
            - B'. Apóstolos diante do Sinédrio (5,21b-33)
            - E'. Intervenção de Gamaliel (5,34-42)
- At 6 – 12,25: as primeiras missões.

**Tabela 1:** Contexto maior dos sumários

Queremos pontuar as seguintes considerações:

a) Enquanto o primeiro sumário está entre dois discursos de Pedro (A e A'), os outros dois sumários também se encontram numa estrutura circular, onde se inicia e se encerra com um evento similar: as diligências no Sinédrio (B e B').

b) Na realidade, o segundo e terceiro sumários contam com uma dupla circularidade, pois os envolve uma ocorrência semelhante, desta vez relacionada à libertação do cárcere (C e C').

c) Enfim, se o primeiro sumário vem acompanhado pelo relato de cura do aleijado (D), o segundo e o terceiro são escoltados por dois exemplos conexos, mas moralmente opostos entre si (D' e D'').



Conforme a estruturação, os sumários estariam organizados em dois blocos circulares: o primeiro, ao centro de A/A'; o segundo e terceiro, ao centro de B/B' e C/C'. Os blocos não são, contudo, independentes, pois se ligam internamente através de passagens exemplares (como veremos no item 2), e externamente (E e E'), na medida em que não podemos negligenciar que a palavra de Gamaliel – “se vem de Deus, [...] não podereis destruí-los” (At 5,39a) – alinha-se perfeitamente com os efeitos da efusão sobrenatural sobre os apóstolos: “E todos ficaram repletos do Espírito Santo” (At 2,4a).

Será que o primeiro sumário compõe, com a cura do aleijado, um esquema preparativo para uma segunda estrutura, desta vez mais bem elaborada? Ou se passará o inverso: o segundo bloco seria a duplicação de um modelo cuja matriz está fincada no primeiro sumário? Um paralelo dos elementos de cada sumário lançará alguma luz sobre essas e outras indagações.

## 2. ESTRUTURA INTERNA OU MENOR

Para a *Bíblia de Jerusalém*, os sumários são uma “redação compósita”: reúnem elementos mistos que se agregaram num determinado conjunto. Por isso recomenda uma comparação entre essas passagens que “descrevem em traços análogos a vida da primeira comunidade cristã”.<sup>2</sup>

Noutra versão crítica, a *Tradução Ecumênica* afirma que os sumários “apresentam elementos comuns e afinidades estruturais que convidam a considerá-los juntos”<sup>3</sup>. Já o aspecto de singularidade entre eles é determinado pela ênfase temática: se o primeiro sublinha a irradiação da comunidade, no segundo é a partilha dos bens, e no terceiro, a atividade milagrosa dos apóstolos (cf. asteriscos na tabela 2).

Para melhor se apurar as semelhanças e diferenças entre os sumários, dispomos em paralelo os conteúdos mais substanciais de sua composição:



<b>Primeiro sumário</b> (At 2,42-47)	<b>Segundo sumário</b> (At 4,32-35)	<b>Terceiro sumário</b> (At 5,12-16)
<b>A.1/C'</b> . ensinamento dos apóstolos <b>C'</b> . comunhão fraterna <b>C'</b> . fração do pão <b>C'</b> . orações <b>A.</b> temor por causa dos prodígios dos apóstolos <b>C.1'</b> . tudo em comum <b>C.2'</b> . repartição segundo a necessidade de cada um <b>B.</b> assiduidade no Templo - partiam o pão nas casas - louvavam a Deus <b>D.</b> simpatia do povo (*). cresciam em número	<b>C.</b> um só coração e uma só alma <b>C.1.</b> tudo era em comum (ninguém considerava como próprio exclusivamente) <b>A'</b> . apóstolos testemunham a ressurreição com grande poder <b>C.3.</b> não havia necessitados (*). entregava-se aos apóstolos o dinheiro da venda das posses particulares <b>C.2.</b> distribuição a cada um sob o critério da necessidade	<b>A''.</b> prodígios através dos apóstolos <b>B'</b> . reuniam-se no pórtico de Salomão <b>D'</b> . o povo os engrandecia - multidões aderiam à fé (*). acorriam a Pedro inúmeros enfermos e atormentados

**Tabela 2:** Correlação interna dos sumários

Vê-se tratar-se de textos com significativas diferenças entre si. Se Atos 2 distingue entre o ensinamento e os prodígios dos apóstolos (A.1/A), Atos 4 é mais minucioso devido ao testemunho da ressurreição (A'), informação não citada por Atos 5.

Mencionam a frequência ao Templo Atos 5 (com um detalhe de maior precisão: o pórtico) e Atos 2, este com a importante ressalva: o culto paralelo da fração do pão (B/B').

Condensam-se na expressão “um só coração e uma só alma”, exclusiva de Atos 4, os quatro elementos de assiduidade de Atos 2 (C/C')? Seja como for, reforça a maior afinidade entre esses dois excertos os dados sobre o “tudo em comum” e a prática da comunhão de bens (C.1/C.1'; C.2/C.2'), coroada com a realização do ano sabático (cf. Dt 15,4): “não havia entre eles necessitado algum” (C.3).

Conforme a *Bíblia de Jerusalém*, Atos 2 e Atos 4 matizam a comunhão dos bens: no primeiro (cf. At 2,44), porque “exprime e reforça a união dos corações (v. 46; 4,32), resultante da partilha do evangelho e de todos os bens recebidos de Deus por Jesus Cristo na comunidade apostólica”<sup>4</sup>; no segundo, ao modo de reiteração, porque “a insistência no



despojamento afetivo das riquezas caracteriza a religião de Lucas [cf. Lc 12,33]<sup>5</sup>. Em Atos 5 prevalece o tema do “poder miraculoso dos apóstolos (cf. 2,43; 4,33)”<sup>6</sup>.

A análise comparativa, a nosso ver, impõe-nos situar o poder sobrenatural, atuante por meio dos apóstolos (A/A’/A’), no centro dos sumários, pois é o único e mais destacado liame entre eles. Desse poder resulta grande concorrência do povo, seja em função de algum benefício a ser obtido, seja em razão de se aderir aos ensinamentos daqueles por quem o poder operava.

O “grande poder” – *dinámei megâle*<sup>7</sup> (cf. At 4,33) – e os “sinais” e “prodígios” – *semeia e térata* (cf. At 2,43; 5,12) – também estão entre as manifestações mencionadas em outras perícopes dos primeiros cinco capítulos: aparecem no discurso de Pedro (cf. At 2,19.22), no interrogatório (cf. At 4,7) e na oração (cf. At 4,30). Elas ligam as ações dos apóstolos ao agir de Jesus, tal como informado nos Sinópticos, bem como reforçam a coesão entre os sumários e os demais gêneros literários a eles circunvizinhos.

O fato de afirmarmos a centralidade de fenômenos extraordinários que não apenas circundam, mas compõem essencialmente a estrutura dos sumários, não significa marginalizar o ensino acerca da partilha fraterna. Pelo contrário: seu principal efeito consiste em reforçá-lo, como um atributo inerente à identidade da comunidade cristã, tanto de origem judaica como helenista<sup>8</sup>. Por outro lado, “o sentido do termo não se limita entre ajuda social, nem a ideologia comum, ou a sentimento de solidariedade”<sup>9</sup>.

Portanto, os sumários não podem ser reduzidos a um ideal socioeconômico, tampouco apreendidos numa leitura utópico-espiritualista. Urge assim uma integração.

Primeiramente, não há espaço para vincular univocamente a admiração e o temor do povo ao poder atrelado aos apóstolos: tal poder não promove apenas curas, mas também um castigo (fatal) a quem atenta contra a partilha (caso de Ananias e Safira). O poder sagrado e a partilha solidária estão organicamente vinculados.

Em segundo lugar, há perfeita razão para se pensar que Atos 4,32-35 (2º. sumário) seja a realização de uma oração precedente (cf. At 4,23-31). Além disso, as “curas” – *íasin* (cf. At 4,30) –, das quais a do coxo foi um sinal notório (cf. At 4,16.22; At 5,15), estão estreitamente relacionadas com a expressão “tudo comum” – *ápanta koiná* (cf. At 4,32), isso porque os sumários mostram estarem concentradas nos apóstolos quatro ações: não apenas os prodígios e a presidência nas orações, como ainda a distribuição dos bens e os ensinamentos (testemunho da ressurreição).

Seria bem sucedida a hipótese de que a cura do aleijado (em At 3,1-10), que se segue à descrição do primeiro sumário, requer a comunhão como o que há de mais notável ao poder de Deus. É estranho que Pedro e João não tivessem nada para lhe dar, pois estavam à frente na administração dos bens. O homem à Formosa não recebeu de Pedro e João a



“esmola” que mendigava: mais do que isso, levantou-se e saltou; pôs-se a andar no “Caminho”, a desfrutar de uma comunhão de bens muito maior do que aquele venerado ato de piedade. A primeira comunidade cristã, dessa forma, ousando num novo *modus vivendi* (litúrgico e social), não é inócua na transformação de vida dos empobrecidos.

Essa acomodação dos termos permite vislumbrar uma leitura menos fantástica (ou “espiritualista”) de Atos 1 – 5, mesmo porque o derramamento do Espírito (cf. At 2,1-4.18), um evento sobrenatural, é tanto fonte do anúncio intrépido da palavra de Deus (cf. At 4,31.33) como marco da proclamação do ano da graça do Senhor (cf. Lc 4,18-19), precisamente na ordem da justiça social.

### 3. RELEVOS EM TEOLOGIA BÍBLICA E PATRÍSTICA

Outros textos bíblicos são especialmente importantes para compor um quadro de significação geral e mais precisa dos sumários, pois compartilham alguma espécie de ressonância entre si. É necessário não considerarmos qualquer relação hierárquica ou gradual dos tópicos abaixo, aqui formados apenas com o intuito de realçar possíveis conexões teológicas entre referências diversas.

#### 3.1. O ASPECTO APOLOGÉTICO

A discussão acerca da realidade ou utopia dos relatos é praticamente supra-assumida na perspectiva de um intuito apologético.

Cerfaux escreve que “toda a primeira seção [1,12 – 5,42] se apresenta como a pintura dos tempos heroicos da primeira comunidade”. Isso inclui tanto “o quadro de conjunto [que] põe em relevo o ensinamento dos apóstolos e os milagres, a comunhão dos bens, os banquetes litúrgicos e as preces no Templo”<sup>10</sup>, como os episódios que o complementam e enriquecem: os embates dos apóstolos com o Sinédrio.

Parece sustentável que os sumários sejam não uma quimera imaginária, mas um quadro recompilador, um “compêndio”<sup>11</sup> que descreve a vida da Igreja nascente. São textos paradigmáticos para todas as comunidades cristãs, onde “aparecem as linhas fundamentais da vida eclesial”<sup>12</sup>. A descrição, ou melhor, o relato lucano “não se trata [...] de um quadro utópico; é preciso ver nele o *modelo ideal* ao qual há de conformar-se. O estilo de vida assumido pela Igreja nascente é em si mesmo testemunho eloquente e irradiador, uma evangelização que prepara os ânimos de muitos a receber a graça de Deus...”<sup>13</sup>.

Se podemos deduzir pelas dificuldades humanas e históricas de se efetivar esse modo de vida – veja-se o episódio de Ananias e ainda a intencionalidade mesma de Lucas por transpor em ensinamentos os princípios de edificação dessa nova comunidade –, as



balizas para soerguê-lo são bastante nítidas para a *Edição Pastoral*: a vida da comunidade retratada nos sumários “mostra o ideal da Igreja e o projeto de nova sociedade”.<sup>14</sup>

Os sumários intensificam um princípio historicamente conhecido: apresentam um vigoroso sentido de comunidade e uma impetuosa disposição para lançar na vida comum e cotidiana, afirma a *Bíblia do peregrino*, a. “os sonhos e utopias de filósofos pagãos, bem divulgados na época”; b. o “ideal da legislação deuteronomista” (cf. Dt 15,1-11); c. “a atitude de Lucas evangelista no que diz respeito a riquezas e bens (Lc 6,24; 9,3; 10,4; 12,16-21; 16,19-31)”; e d. o próprio “exemplo de Jesus, vivido também pelos discípulos”<sup>15</sup>. A nota contrabalança, recordando que Jesus nunca pediu o desprendimento total a Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), além do fato de que a campanha de Paulo (2Cor 8 – 9) não teria sido necessária se a partilha houvesse obtido êxito. Há sim um princípio, mas sua real execução lida com dificuldades reais.

Portanto, ao problema da veracidade positiva dos sumários se sobressai um aspecto apologético. Isso não representa a marginalização do caráter histórico em vista da concretização meramente utópica de seus princípios. É precisamente a singular noção de “história” que na obra de Lucas patrocina essa articulação. Para Cerfaux, nos Atos a chamada “história do Cristianismo [está] imersa numa teologia”; nesse sentido, “a obra de Deus ultrapassa as personagens que aparecem em cena, e é ela que importa aos primeiros narradores”.<sup>16</sup>

Esse ponto de vista apologético não comporta uma utopia sem uma determinação central do sentido de “história”, pelo qual vemos interligados, em ordem a um mesmo fim apologético, os sumários e os discursos de Paulo:

[...] contando como a mensagem do Evangelho se propagou, sobretudo como foi apresentada aos gentios e como se implantou na capital do Império, os Atos atingem, desta maneira, temas de propaganda ou de apologia do Cristianismo. Os processos de Paulo conduzem evidentemente a discursos em que o apóstolo defende sua pessoa assim como sua religião contra as acusações dos judeus.<sup>17</sup>

Segundo as informações dos Atos, Paulo organizou uma ampla campanha entre as comunidades da Ásia Menor para fazer arrecadações para a Igreja de Jerusalém. Os relatos tratados pelos sumários remontam à comunidade de Jerusalém, a mesma que fora beneficiada com essa iniciativa. Isso é bastante contundente para dar-se ainda mais inteligibilidade à *práxis* denominada “comunidade de bens”<sup>18</sup>, que se instituíra entre as igrejas.

Os sumários mostram que o amor se confirmou em modos estratégicos de atividade concreta, desenvolvida pela Igreja já nos seus primeiros séculos, como indica Bento XVI na *Deus caritas est. Diaconia* era o nome de uma estrutura jurídica assistencial nos mosteiros egípcios do século IV<sup>19</sup>. Uma fonte documental também evidencia o propósito



do imperador Juliano, o Apóstata, em fazer que seu paganismo reformado imitasse justamente a caridade praticada pela Igreja.<sup>20</sup>

O que se passa nos sumários acerca da relação caridade-apologia é similarmente trabalhado por Tertuliano no capítulo 39 do *Apologeticum*, também recordado por Bento XVI<sup>21</sup>. Trata-se de um primoroso registro, num estilo único que impressiona pela sabedoria retórica, quando comparada à prolixidade de autores gregos do mesmo gênero<sup>22</sup>: “Olhai, dizem, como se amam entre si: admiram-se, porque eles reciprocamente se aborrecem. Olhai como cada um está disposto a morrer com prazer pelo outro: estranha-os, porque eles mais dispostos estão para se matarem”.<sup>23</sup>

## 3.2. A COMUNIDADE DE BENS

Vemos, pelos exemplos acima, que a organização cristã em torno do amor, principalmente no que este valor dispõe para uma nova organização dos bens, diferencia a comunidade-*ekklesia* em seu meio sociocultural. Apesar de não ser um escrito epistolar, o *A Diogneto* reforça essa tese sobre os sumários. “Mais que uma apologia, é um protréptico, ou seja, um convite à fé cristã”<sup>24</sup>. Conhecido como *Carta a Diogneto*, uma breve passagem nos assegura quanto a isso: “[Os cristãos] põem a mesa em comum, mas não o leito”.<sup>25</sup>

Para Felipe Ramos, o segundo sumário pormenoriza esse aspecto da partilha, embora isso já se faça central no primeiro, mesmo com seu acento litúrgico-cultural. Para esse comentador, a expressão “tinham um só coração e uma só alma”<sup>26</sup>, específica do segundo dos sumários, indica sua ênfase na manifestação da “concordia” realizada principalmente mediante a comunhão dos bens. Já o primeiro dos sumários “descreve a vida cultural da comunidade cristã primitiva” nas quatro partes destacadas pelo versículo 42: mesmo sendo a *fração do pão* uma “forma de descrever a celebração eucarística”<sup>27</sup>, a *união* ou *koinonia* compreendia, “além de uma união espiritual, [...] o socorro e ajuda de tipo material àqueles que dela tinham necessidade”. É bem certo que se trate de uma refeição comum, “o ágape que precede a eucaristia”<sup>28</sup>, e a “oração”, a prática ritual no templo de Jerusalém.

As descrições de São Justino, no século II, e Hipólito, no século III, também apontam para uma estrutura ritual em que a comunhão-solidariedade e a fração do pão se seguiam ao ensinamento dos apóstolos.

A *Tradição apostólica* ou (*Didascália dos apóstolos*), atribuída a Hipólito de Roma, é uma estimável fonte de consulta para se notar a inseparabilidade da doutrina da Eucaristia com a liturgia dominical, e desta, com os serviços na celebração e outras reuniões cristãs, como o “ágape”<sup>29</sup>. Na *I Apologia*, por sua vez, Justino Mártir apresenta uma estrutura de ressonâncias muito próximas a Atos 2,42, compreendendo: a. leitura da Palavra de Deus



(escritos dos profetas e memória dos apóstolos); b. homilia; c. oração comunitária; d. eucaristia; e. assistência aos necessitados.

E no dia chamado do Sol, realiza-se uma reunião num mesmo lugar de todos os que habitam nas cidades ou nos campos. Leem-se os comentários dos Apóstolos ou os escritos dos profetas, enquanto o tempo o permitir. Em seguida, quando o leitor tiver terminado a leitura, o que preside, tomando a palavra, admoesta e exorta a imitar estas coisas sublimes.

Depois nos levantamos todos juntos e recitamos orações; e como já dissemos, ao terminarmos a oração, são trazidos pão, vinho e água e o que preside, na medida de seu poder, eleva orações e igualmente ações de graças e o povo aclama, dizendo Amém. Então vem a distribuição e a recepção, por parte de cada qual, dos alimentos eucaristizados, e o seu envio aos ausentes através dos diáconos. Os que possuem bens e quiserem, cada qual segundo sua livre determinação, dão o que lhes parecer, sendo colocado à disposição do que preside o que foi recolhido. Ele por sua vez socorre órfãos e viúvas, os que por enfermidades ou outro qualquer motivo se encontram abandonados, os que se encontram em prisões, os forasteiros de passagem; em uma palavra, ele se torna provedor de quantos padecem necessidade.<sup>30</sup>

Essas ressonâncias patrísticas não ofuscam de modo algum uma estreita ligação que os sumários lucanos guardam com a tradição paulina. As “seções-nós” (cf. At 11,27; 16,10-17; 20,5-21; 27,1-28), “fragmentos de um diário de viagens de um companheiro de Paulo”<sup>31</sup>, são um valioso indício para afirmarmos por um fluxo de tradições. Assim como os sumários evocam uma notável reflexão acerca dos aspectos ético-simbólicos da ceia-banquete, a mesma preocupação se faz sentir na seção de 1Coríntios 8 – 11.

Nesse conjunto de quatro capítulos dos escritos autênticos, destacaríamos não um problema de idolatria *ipsis litteris*, pois Paulo professa com seus destinatários a mesma fé em um só Deus (cf. 1Cor 8,6). Também seria anacrônico remeter o texto ao um debate ontológico acerca da realidade substancial do pão consagrado/abençoado (cf. 1Cor 10,14-17; 1Cor 11,23-27). Enfim, é crucial à passagem o ultraje da Ceia do Senhor quando o pão não é posto à disposição de todos: “Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?” (1Cor 11,20-22a).

A *Bíblia de Jerusalém* anota, a propósito, que “a ‘ceia própria’ de cada um é posta em contraste com a ‘Ceia do Senhor’ [...] que exige celebração comum no amor e repele as divisões inspiradas pelo egoísmo”<sup>32</sup>. Conforme esse parecer, haveria uma disparidade ética entre a solidariedade agápica (da “Ceia do Senhor”) e o egoísmo discriminatório (da “ceia própria”).



Mais severamente, diríamos que a recusa à partilha (cf. 1Cor 11,33-34) não compromete apenas a coerência (interna) com a verdade do que se celebra, mas principalmente o testemunho da ressurreição (cf. 1Cor 11,26), da qual os apóstolos, nos sumários, são os arautos mediante a manifestação do poder (cf. At 4,33; 2,43; 5,12). A “ceia do Senhor” ou a “fração do pão” está diretamente referida no testemunho mediante a palavra, o poder e a ação.

Noutro momento, agora no capítulo 11 da primeira Coríntios, Paulo toma sábia precaução contra um entendimento demasiado psicológico de sua orientação. Antes de abordar os carismas e eleger o amor/caridade como o maior de todos (cf. 1Cor 12,31b), ele expõe a provável chave para abrir o significado da expressão “discernir o Corpo” (1Cor 11,29).

O que significaria, em seu rigor literário, “comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente” (1Cor 11,27)? Como isso tem por efeito tornar alguém “réu do corpo e do sangue do Senhor” (1Cor 11,27)? Por que se adverte que “cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice” (1Cor 11,28)?

A resposta para essas problematizações, levantadas a partir do núcleo ritual estabelecido pelas fórmulas anamnéticas de 1Coríntios 11,23-26, só pode estar nas linhas que imediatamente o precede:

Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia [*ekklēsia*], há entre vós divisões [*schismata*], e, em parte, o creio. É preciso que haja até mesmo cisões [*haireseis*] entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados. Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor [*kyriakon deipnon*]; cada um se apressa por comer a sua própria ceia [*idion deipnon*]; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus [*ekklēsia tou Theou*] e quereis envergonhar aqueles que nada têm? (1Cor 11,18-22b).

Segundo o texto, pela Ceia do Senhor se honra a Igreja de Deus, mediante a experiência de uma igualdade estabelecida com a partilha dos bens. O erro repellido pelo apóstolo consiste em não contrariar acintosa ou mesmo discretamente – veja-se a sutileza do verbo “apressar” (*prolambanei*) – o uso/consumo dos bens, ou seja, em não “discernir o Corpo” (*diakrinōn to sōma*) e, por conseguinte, comer e beber a própria condenação (cf. 1Cor 11,29).

Para a *Bíblia de Jerusalém*, “o critério nesse exame de si deve ser a qualidade de sua relação com os outros membros da comunidade”<sup>33</sup>. Os sumários são um eco dessas linhas e do significado de “discernir o corpo”, que, a nosso ver, está em alcançar o senso cristológico e eclesial (cf. 1Cor 10,16-17) emanado da realização de um ato não exclusivamente ritual, como também ético-solidário.



Há, portanto, um pertinente influxo, na obra de Lucas, de assuntos em voga nas comunidades paulinas. Não é tarde para lembrarmos do capítulo quatorze do Evangelho, onde se pede aos convidados da festa não escolherem o primeiro lugar (cf. Lc 14,8). Não se trata de fomentar uma humildade “psico-intimista”, mas de prover uma ação realmente eficaz: pois se quer garantir os primeiros lugares para aqueles que serão efetivamente servidos, a saber, os pobres, estropeados, coxos e cegos (cf. Lc 14,13-14).

Além disso, a questão moral subjacente é completamente outra. A razão da escolha desses convidados não está no elemento negativo da não-retribuição – não esperar nada em troca (cf. Lc 14,14) –, e sim na perspectiva positiva da restituição: repor o que lhes foi tirado, pois a conclusão do trecho é árdua e pontual: “... qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33).

A partilha livre e consciente dos bens, voltada para os mais necessitados, confirma para a *Edição Pastoral* que o “fermento cristão penetra e transforma a sociedade”<sup>34</sup>. Isso exprime a conversão segundo um modelo de novas relações: “a fraternidade substitui a opressão do poder, e a partilha dos bens supera a exploração do comércio”<sup>35</sup>. Recordamos, a propósito, da grande festa na casa de Levi (cf. Lc 5,29-32). A razão legítima de Jesus sentar-se à mesa com “publicanos” e “pecadores” confirma a inversão das relações: aqueles que então usurpavam se põem a devolver os bens depois da experiência de cearem com Jesus.

Os sumários sustentam a concepção de que a experiência eclesial, na condição de uma comunidade de bens, atua no sentido de corrigir as mazelas geradas pelas estruturas injustas de poder, não só atenuando, mas com a pretensão de sanar suas consequências.

### 3.3. O CALEIDOSCÓPIO DA CONCÓRDIA

Na mesma série de capítulos em que estão os sumários, também se vê muito citado o *kerygma* (cf. At 2,22-38; 3,15-19). Uma compreensão demasiado estrita tenderia a limitá-lo a uma pregação apostólica primitiva padrão, de conteúdo doutrinário voltado a uma ação sacramental, com vistas a atenuar uma série de perturbações de natureza ritualística (cf. At 15,20).

Na interface com os sumários, o querigma não poderia ser tomado apenas como um anúncio de palavras, mas sobretudo um testemunho de realidades efetivas. As informações que os sumários remetem ao “ensinamento” (cf. At 2,42), ao “testemunho” (cf. At 4,33) e às “ações” (cf. At 5,12) dos apóstolos são, portanto, querigmáticas.

Essa mesma assertiva nos permite visualizar que os sumários fazem da comunidade cristã, em si, um querigma. Não é a mensagem, tampouco um conteúdo doutrinário específico: os sumários transformam em *kerygma* a *ekklesia* cristã em sua própria existência histórica.



São vários os textos que se acercam dessa compreensão dos sumários como agente catalisador da comunidade em querigma. Otimamente, eles estão em abundância nas cartas paulinas, não obstante ecoem para o âmbito das católicas.

Em uma comunidade composta por membros que fazem parte do corpo de Cristo, “se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria” (1Cor 12,26): por isso, todos se alegram com a alegria, embora de um só, e choram as lágrimas de um só (cf. Rm 12,15).

Esses dados interpelam por um tipo de afinidade em relacionamentos que os sumários retratam com todo vigor. Resumiríamos com o termo “concordia” uma dada multiplicidade de componentes afetivamente compartilhadas e coletivamente desenvolvidas como valores de edificação. São elas: paz (cf. 2Cor 13,11; 1Ts 5,13b; Rm 12,18b), alegria (cf. 2Cor 13,11; 1Ts 5,16; Rm 12,15) e animação (cf. 1Ts 5,14), bênção (cf. Rm 12,14; 1Pd 3,9), graça (cf. 1Ts 5,18) e oração (cf. 1Ts 5,17), humildade (cf. 1Pd 3,8b) e paciência (cf. 1Ts 5,14), estima mútua (cf. 1Ts 5,13a) e dedicação para o bem comum (cf. 1Ts 5,15b), a ponto de todos sentirem próxima a perfeição (cf. 2Cor 13,11).

À exceção de Romanos (cf. Rm 12,3-21), tais recursos, como se vê, estão recolhidos em seções parenéticas ou mesmo conclusivas da segunda Coríntios (cf. 2Cor 13,5-12a) e primeira Tessalonicenses (cf. 1Ts 5,12-19), sem nos esquecermos de Gálatas (cf. Gl 4,1 – 6,20) e Filipenses, onde se sintetiza: “... ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor” (Fl 4,8).

A imersão nesse fluxo desativa os contratempos gerados pelas debilidades, pusilanimidades e quaisquer outras deficiências (cf. 1Ts 5,14), como a intenção de vingança (cf. 1Ts 5,15a; 1Pd 3,9a; Rm 12,17a.19), a altivez e a presunção (cf. Rm 12,16b). Na contrapartida, têm-se as exortações: “Finalmente, sede todos unânimes ...” (1Pd 3,8a); “Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes ...” (Rm 12,16a), “... vivei em paz ...” (2Cor 13,11), “... permaneçei em concordia ...” (2Cor 13,11).

Tantos são os itens que não seria inconveniente a figura representativa de um caleidoscópio, termo em cuja composição reúne os gregos *kalòs* (belo), *èidos* (forma, aparência) e *skopèò* (ver, observar)<sup>36</sup>. A multiplicidade desses registros compõe uma bela e única imagem, passível de ser integrada numa expressão que nos sumários é lida assim: “A multidão dos que haviam crido era um só coração [*kardia*] e uma só alma [*psychè*]” (At 4,32a).

Fica assim demonstrado não só o parentesco dos sumários com uma variedade de exortações, mas principalmente sua capacidade de integrá-las e retransmiti-las de modo orgânico e ainda mais potente.



## 4. REPERCUSSÕES NA HISTÓRIA HERMENÊUTICA: A LEITURA AGOSTINIANA E O USO PELO MAGISTÉRIO ECLESIÁSTICO

Se os sumários tenham reverberado de uma forma ou de outra na exegese patrística, em Santo Agostinho se fez mais explícito o toque de algumas inspirações. Sua interpretação não é tão mais textual quanto carismática: a regra de vida – a *Regula ad Servus Dei* – que escreveu e legou para seus companheiros não se contenta com a admoestação “sit vobis anima una et cor unum in Deum”<sup>37</sup>, pois retorna à perícopa para extrair-lhe uma citação, os versículos 32 e 35 do segundo sumário<sup>38</sup>. Ali, o santo doutor encontrou uma fonte de edificação da vida monacal. Nessa referência, Luc Verheijen finca seu argumento em favor da autenticidade agostiniana da Regra:

[...] trata-se de uma coincidência extraordinária no encadeamento de versículos dos *Atos dos Apóstolos* (4,32-35) que ocorre entre são Possídio na biografia de Agostinho, e de Agostinho na *Regra*. Para ressaltar melhor a aproximação com ambos os casos, Verheijen utiliza letras, *a*, *b*, *c* para pontualizar os incisos dos versículos 32 e 35, e depois de afirmar que santo Agostinho cita a passagem dos *Atos dos Apóstolos* no todo ou em parte oitenta e duas vezes, incluindo em catorze o versículo 35b, sustenta que em toda a tradição patrística, a série 32b+32c+35b ocorre apenas em são Possídio na biografia (cap. 5) e na *Regra* (cap. 1, n. 3).<sup>39</sup>

Van Bavel, outro estudioso da *Regula*, também vê muita força persuasiva no termo “in Deum”, uma adição a Atos 4,32 que ocorre “pela primeira vez nos escritos de Agostinho, tendo-a utilizado vinte e oito vezes, doze delas dentro do contexto monástico”<sup>40</sup>. Um deles, o Sermão 356, contém uma peculiaridade: após o diácono proclamar Atos 4,31-35, o bispo de Hipona se isenta de comentar a citação bíblica para lê-la novamente<sup>41</sup> e, em seguida, suplementá-la: “Haveis escutado o que queremos; orai para que possamos”<sup>42</sup>. O bispo era ciente de que uma das metas de seu propósito monástico era dar testemunho da leitura escutada, mas estava decepcionado com um dos presbíteros de sua comunidade, por ter feito um testamento de morte. Reflete: “Tinha algo que chamava seu, apesar de viver nessa sociedade na qual a ninguém é lícito chamar próprio a nada, pois hão de ser todas as coisas comuns”.<sup>43</sup>

É certo que, com a redescoberta da comunidade primitiva de Jerusalém, o monastério agostiniano encontrou nos sumários o que era preciso para enriquecer a vida cenobítica e propô-la como modelo de Igreja, não necessariamente exclusivo dos monges ou dos espíritos mais ascetas. Não nos parece pretensioso, pois, afirmar que, pela mediação agostiniana, os três sumários alcancem vários documentos do Magistério atual.

Na *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*, Atos 4,32 é empregado para sedimentar a índole comunitária da oração: “Mesmo a oração no quarto, a portas fechadas, sempre necessária e recomendável, os membros da Igreja a fazem por Cristo no Espírito Santo.”  
<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>



Mas a oração da comunidade tem dignidade especial<sup>44</sup>. Desse mesmo versículo (At 4,32) soa um esplendoroso eco a impactar a opção vocacional do jovem Leto, que tinha seu noviciado sacudido por numerosas tentações: os apegos maternais<sup>45</sup>. Agostinho lhe diz que a renúncia é absolutamente necessária para se tornar um discípulo de Cristo<sup>46</sup>: pois o afeto carnal que se deve matar na alma pode ser a relação com os pais<sup>47</sup>. E argumenta:

[...] não seja que estime mais o ter-lhe levado em suas entranhas que ter sido engendrado contigo nas entranhas da Igreja. ... na própria alma todos nós temos de pensar em odiar o afeto privado, que sem dúvida é temporal [e transitório], e amar nela aquela sociedade e comunhão [eterna e perene] da que está escrito: *Tinham por Deus uma alma e um coração*. Dessa maneira tua alma não é própria, e sim de todos os teus irmãos; e as almas deles são tuas; melhor dizendo, as almas deles e a tua não são almas, senão a única alma de Cristo.<sup>48</sup>

Vê-se que os sumários servem a temas e propósitos pastoral e teologicamente diversificados. Outro documento igualmente importante na recapitulação dos sumários é o decreto *Perfectae Caritatis*, do Concílio Vaticano II, colocando a Igreja primitiva como exemplo de vida comum:

A vida comum [*vita in communi*] deve seguir o exemplo da primeira comunidade cristã. A multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma (cf. At 4,32). Alimentados com a doutrina evangélica, com a liturgia e especialmente com a eucaristia, os religiosos perseverem na oração e na comunhão num mesmo espírito [*communione eiusdem spiritus*] (cf. At 2,42).<sup>49</sup>

Atos 2,42, com seus quatro elementos, é recuperado também pela *Dei Verbum*, desta vez para ressaltar o vínculo orgânico da Igreja com a Tradição e a Escritura. O sumário indicaria que os pastores e fiéis de hoje estão sob a mesma inspiração daquela comunidade que perseverava “na doutrina dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e nas ininterruptas orações”<sup>50</sup>. O mesmo versículo sustenta uma ideia similar, exposta como se segue no prólogo do *Catecismo da Igreja Católica*: “Este tesouro [a Boa Notícia] recebido dos apóstolos foi guardado fielmente por seus sucessores. Todos os fiéis de Cristo são chamados a transmiti-lo de geração em geração, anunciando a fé, vivendo-a na partilha fraterna e celebrando-a na liturgia e na oração”.<sup>51</sup>

Esses quesitos demarcam o atributo eclesiológico de “apostólica”<sup>52</sup>, bem como representam, nas páginas da *Lumen Gentium*, a unidade do povo santo constituído universalmente por Deus, tendo a Jesus como seu senhor e ao Espírito como vivificador<sup>53</sup>. Ademais, como esse versículo assinala duas fontes substanciais para a vida de qualquer comunidade eclesial, a saber, a palavra de Deus e o pão eucarístico, o decreto *Ad gentes* vê em Atos 2,42 a atividade missionária em seu sentido mais estrito: ligada à implantação da Igreja em territórios que ainda não conhecem o Evangelho de Jesus Cristo<sup>54</sup> e destinada a constituir os povos e os grupos humanos em “um só coração e uma só alma”.<sup>55</sup>



Nossa pesquisa atenta contra qualquer propensão de se fragmentar os sumários: tanto quando se isola um determinado versículo de seu contexto integral, como quando para submetê-lo ao manuseio sem o contrapeso do conjunto ao qual faz parte. Há de se cuidar que os sumários não sejam “espiritualizados”, tampouco sofram uma espécie “institucionalização”, toda vez que um de seus elementos surja desacompanhado dos demais.

Tocante a uma alusão mais completa dos sumários, três documentos conciliares se destacam. A *Sacrosanctum Concilium* recorda o primeiro sumário na íntegra (At 2,42-47), precisamente para afirmar que a obra da salvação continua na Igreja, pela liturgia e a celebração do mistério pascal<sup>56</sup>. Ele testifica, agora para a *Lumen Gentium*, a realidade espiritual do sacerdócio comum dos fiéis, em que “todos os discípulos de Cristo se oferecem como hóstia viva, santa e agradável a Deus”<sup>57</sup>. E no *Presbyterorum ordinis*, o primeiro sumário e sua comunhão de bens também serve de convite e motivação para que os padres, visando a se assemelharem mais profundamente a Cristo, abracem a pobreza voluntária para melhor favorecer a caridade pastoral<sup>58</sup>: tal empenho, em consonância com as sugestões da *Christus Dominus*, são pretendidas também em razão do múnus de santificar, mediante a recepção dos sacramentos e a oração unânime (cf. At 2,46) que o episcopo salvaguarda com sua função.<sup>59</sup>

A referência a Atos 2,42 é muito frequente, o que não só evidencia a relevância desse versículo, como também levanta a pergunta sobre a relação de seus quatro constituintes, articulados pelo *Catecismo* na seguinte forma: “A sequência [de At 2,42] é típica da oração da Igreja: fundada na fé apostólica e autenticada pela caridade, ela é alimentada na Eucaristia”<sup>60</sup>. O mencionado versículo é uma frase de construção polissíndeta, portanto mais propensa a equacionar a igualdade entre os elementos. Seria deturpadora a tendência em inserir, por exemplo, uma “hierarquização sacramentalista” em favor da “Eucaristia”, sem pormenorizar as condições éticas e rituais, humanas e religiosas pelas quais a “vita in communi” ou a “communione eiusdem spiritus”<sup>61</sup> sejam concretizáveis.

Entendemos que essa precaução tenha sido observada pelo *Catecismo*, quando desenvolve a partir de Atos 2,42 os vários aspectos da comunhão de bens espirituais<sup>62</sup>, bem como pontua o valor da “celebração dominical do Dia e da Eucaristia do Senhor [...] no coração da vida da Igreja”<sup>63</sup>, de sorte que, para confirmar a distinção do *memorial* de Cristo<sup>64</sup> e do *dies dominica* já na consciência da era apostólica, anota Atos 2,42-46 e 1Coríntios 11,17 justapostos a esta exortação de Hebreus: “Não deixemos as nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos animar-nos sempre mais” (Hb 10,25).<sup>65</sup>

Nessa linha, o *Catecismo* também cria uma associação dos sumários com a Oração do Senhor, ao perceber que a unidade de coração e alma (informada por Atos 4,32) era a Comunhão almejada ao se dizer Pai “Nosso”<sup>66</sup>. Essa correspondência fora estabelecida por Santo Agostinho, ao perceber que a mesma expressão – “uma alma e um coração” –



suportava um paradigma monástico para toda a concepção de vida eclesial. Era saliente na sua orientação exegética uma percepção nuclear dos sumários nestes moldes:

*Monos* em grego significa um, e não um qualquer, porque a turba também é uma, já que, sendo uma formada de muitos, também pode se chamar um; mas não pode se chamar *monos*, ou seja, único ou somente. *Monos* significa apenas um. Os que de tal modo vivem em união que constituem um só homem, de sorte que neles se cumpre o que se escreveu, são *uma alma e um coração* ...<sup>67</sup>

## CONCLUSÃO

A metodologia inicialmente empregada colocou em evidência as múltiplas conexões internas e externas dos sumários. É consenso que eles não podem ser tratados individualmente, sob pena de, uma vez fragmentados, servirem aos mais diversos tipos de manipulação.

O contexto literário relativo à primeira parte do livro dos Atos, especialmente até o quinto capítulo, mostra-nos a existência de dois blocos estruturalmente similares entre si. Cada qual dispõe de episódios que, de maneira programada, precedem e sucedem aos sumários: os discursos de Pedro, para Atos 2,42-47; os apóstolos no Sinédrio e libertos do cárcere, para Atos 4,32-35 e Atos 5,12-16. Os sumários servem assim de coesão entre passagens que, de outro modo, não se veriam correlatas. É-lhes comum a afinidade entre Pentecostes e Gamaliel, pela qual se destaca a questão do poder sobrenatural, elemento que, a nosso ver, não é casualmente o único que se repete nos três relatos.

Para melhor compreendê-lo, lidamos com algumas divergências alocadas na discussão sobre a estrutura interna. Enquanto se afirma que o poder miraculoso seja a tônica apenas do terceiro sumário, com os outros dois se desenvolvendo a partir do culto (At 2) e da comunhão de bens (At 4), nosso parecer expõe-no como centro comum. O poder de Deus – no Pentecostes, no movimento religioso cristão, no agir dos apóstolos – é o fator de modulação da partilha dos bens: sem ele, a experiência comunitária se verte em ideologia socioeconômica, ao passo que, somente com ele, a comunidade pode se apresentar integralmente como querigma e, nessa dimensão, acolhido pelo aleijado, mas rejeitado por Ananias e Safira.

Essas provas (uma positiva, outra negativa) demarcam como se considerar os sumários: sem o extremo idealizador da utopia, tampouco o extremo factível da descrição. Os sumários são relatos e, como tais, permitem-se assumir uma perspectiva experiencial e entusiástica, não necessariamente finalista.

Foi a propósito dos sumários em sua intenção apologética e como agente catalisador da comunidade em querigma que pontificamos outras contundentes correspondências textuais com o evangelho lucano (p. ex., em Lc 5 e Lc 14) e, desta vez, com a tradição paulina: 1Coríntios 11,18-26 esmiúça o debate sobre a comunhão de bens; 2Coríntios



13,5-12a e 1 Tessalonicenses 5,12-19 ampliam a ótica sobre a unidade de alma e coração. Ela é intensamente almejada por Agostinho em seus escritos monásticos (vide a *Regula*, o Sermão 356, a Carta 243 e o Comentário ao Salmo 132), evocada com a originalidade da expressão “in Deum” e explorada, sobremaneira, em sua pertinência religiosa e vocacional.

Dissemos que a atenção dada por Santo Agostinho aos sumários não fez deles apenas fonte de edificação do estilo de vida cenobítica, como fez da vida monacal a partir dos sumários o paradigma da compreensão de Igreja. Isso se demonstra nas recorrentes citações em textos fundamentais, dentre os quais destacamos o *Catecismo* e algumas constituições e decretos do Vaticano II.

Vale pontuar que trabalhando, mesmo sucintamente, a exegese neotestamentária, a teologia patrística e a hermenêutica de documentos conciliares e pontifícios, deduz-se que esta pesquisa convocou, para a análise dos sumários, a Escritura, a Tradição e o Magistério. Este percurso pelos sumários da vida cristã nos pôs, assim, diante de elementos cuja disposição, tal como apresentadas neste estudo, favorece o ensino crítico e sistemático de textos estruturantes da comunidade cristã, quaisquer que sejam a época histórica e o terreno cultural onde esteja estabelecida.

## BIBLIOGRAFIA:

AGUSTÍN DE HIPONA. Cartas (3º). 2. ed. In: \_\_\_\_\_. *Obras de San Agustín*. Madrid: La Editorial Católica, 1972, tomo XIb. p. 417-426 (Biblioteca de Autores Cristianos).

\_\_\_\_\_. Enarraciones sobre los Salmos (4º y último) – Salmo 132. In: \_\_\_\_\_. *Obras de San Agustín*. Madrid: La Editorial Católica, 1967, tomo XXII. p. 463-478 (Biblioteca de Autores Cristianos).

\_\_\_\_\_. *Regula ad servus Dei*. In: AGUSTINOS RECOLETOS. *Regla, Constituciones y Código adicional*. Madrid: AVGVSTINVS, 1987.

\_\_\_\_\_. *Sermones*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/index.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

AGUSTINOS RECOLETOS. *Regla, Constituciones y Código adicional*. Madrid: AVGVSTINVS, 1987.

BENTO XVI. *Deus caritas est*: carta encíclica sobre o amor cristão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (A voz do Papa, 189).

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. GORGULHO, G. da S.; STORNILO, I.; ANDERSON, A. F. (Coords.). Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Português. *Bíblia do peregrino*. SCHÖKEL, L. A. (Coord.). Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.



\_\_\_\_\_. Português. *Bíblia sagrada*: Edição Pastoral. BORTOLINI, J. (Coord.). Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. Português. *Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB)*. GALACHE, G. C. (Dir.). 5.ed. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. Grego-Português. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

CARTA A DIOGNETO. In: QUINTA, M. (Dir.). *Padres apologistas*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 9-30. (Patrística, 2).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola; Paulinas; Ave-Maria; Paulus, 1999.

CERFAUX, Lucien. Os Atos dos Apóstolos. In: ROBERT, A. e FEUILLET, A.(Eds.). *Introdução à Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968. v. 3. p. 321-356.

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas. In: \_\_\_\_\_. *Liturgia das Horas: tempo do Advento e tempo do Natal*. Petrópolis, São Paulo: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1994. v. 1. p. 21-82.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 345-358.

\_\_\_\_\_. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-247.

\_\_\_\_\_. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 141-174.

\_\_\_\_\_. Decreto *Ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 400-439.

\_\_\_\_\_. Decreto *Christus Dominus* sobre a função pastoral dos bispos na Igreja. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 277-300.

\_\_\_\_\_. Decreto *Perfectae caritatis* sobre a renovação da vida religiosa. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 301-313.

\_\_\_\_\_. Decreto *Presbyterorum ordinis* sobre o ministério e a vida sacerdotal. In: *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 440-469.



FABRIS, Rinaldo. *Atos dos apóstolos*. Tradução de Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984. (Pequeno comentário bíblico – Novo Testamento).

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 37-67. (Fontes da catequese, 4).

JUSTINO MÁRTIR. Textos catequético-litúrgicos: apêndice. In: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 69-87. (Fontes da catequese, 4).

MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. *Manual de literatura cristã antiga grega e latina*. Tradução de Silvana Corbucci. Aparecida: Santuário, 2005.

MORIONES, Francisco. *Espiritualidade agostiniano-recoleta: caráter comunitário e apostólico do carisma agostiniano*. Tradução de Gilmar Saint'Clair Ribeiro. Rio de Janeiro: Gávea, 2003.

RAMOS, Felipe F. Actos dos Apóstolos. In: GONZÁLEZ, Ángel; LAMADRID, Antonio González; GALLEGO, Epifanio et al. *Comentários à bíblia litúrgica*. Tradução de Irmãs Carmelitas de Fátima e Margarida Maria Osório Gonçalves. Assafarge, Portugal: Gráfica de Coimbra 2, D.L. 2007. p. 1351-1456.

TERTULIANO. *Apología*. Disponível em: <[http://www.tertullian.org/articles/manero/manero2\\_apologeticum.htm#355](http://www.tertullian.org/articles/manero/manero2_apologeticum.htm#355)>. Acesso em: 3 fev. 2015.

ZEVINI, Giorgio; CABRA, Pier Giordano (Eds.). *Lectio divina para cada día del año: tiempo de Pascua*. Estella (Navarra), España: Verbo Divino, 2001. v. 4.

---

\* Teólogo pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Psicólogo e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jasisaju@hotmail.com

<sup>1</sup> Pautando-se em critérios histórico-geográficos e temáticos, Rinaldo Fabris (*Atos dos apóstolos*, p. 32-43) identifica cinco seções nos Atos. Enquanto nas duas primeiras (1. At 1,1 – 5,42; 2. At 6,1 – 12,25) ocorre maior alternância de estilos, as três seguintes se reúnem em torno das missões paulinas (3. At 10,1 – 15,35; 4. At 15,36 – 20,38; 5. At 21,1 – 28,31), sendo a última na realidade a “paixão” de Paulo, e são mais ricas de cenários.

<sup>2</sup> BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém, p. 1905, nota “d”.

<sup>3</sup> *Idem*. Tradução Ecumênica, p. 2106, nota “y”.

<sup>4</sup> *Idem*. Bíblia de Jerusalém, p. 1905, nota “f”.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 1908, nota “g”.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 1909, nota “c”.

<sup>7</sup> Todas as transliterações foram aqui feitas a partir da versão do *Novo Testamento interlinear grego-português*.

<sup>8</sup> Segundo a *Tradução Ecumênica*, os Atos se comprazem em sublinhar e mesmo idealizar a comunhão de bens, conforme Atos 4,32 e outras passagens como Atos 9,36 e Atos 11,29. “Esta se torna então um exemplo para todos os fiéis e todas as Igrejas [...], cuja unidade é uma das ideias-mestras do livro” (BÍBLIA. Tradução Ecumênica, p. 2106, nota “b”). Tabita é admirada por sua generosidade (cf. At 9,36),



assim como Cornélio (cf. At 10,2); não tarde, será a vez de a Igreja nascente de Antioquia mostrar um gesto autêntico (cf. At 11,29). Enfim, “a esmola, já apreciada no judaísmo (Tb 4,7-11; cf. Mt 6,1-4), é uma forma cristã de *partilha* [...] que é prezada por Lucas [cf. Lc 11,41]” (*ibidem*, p. 2120, nota “d”).

<sup>9</sup> *Idem*. Bíblia de Jerusalém, p. 1905, nota “f”.

<sup>10</sup> CERFAUX, L. Os Atos dos Apóstolos, p. 325.

<sup>11</sup> ZEVINI, G.; CABRA, P. G. Lectio divina para cada día del año, p. 76.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>14</sup> BÍBLIA. Bíblia sagrada, p. 1329.

<sup>15</sup> *Idem*. Bíblia do peregrino, p. 2635.

<sup>16</sup> CERFAUX, L. Os Atos dos Apóstolos, p. 330-331.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 332.

<sup>18</sup> RAMOS, F. Actos dos Apóstolos, p. 1377.

<sup>19</sup> BENTO XVI. Deus caritas est., cf. n. 23.

<sup>20</sup> *Ibidem*, cf. n. 22.

<sup>21</sup> *Ibidem*, cf. n. 24.

<sup>22</sup> MORESCHINI, C.; NORELLI, E. Manual de literatura cristã antiga grega e latina, cf. p. 199.

<sup>23</sup> TERTULIANO. Apología 39,7.

<sup>24</sup> MORESCHINI, C.; NORELLI, E. Manual de literatura cristã antiga grega e latina, cf. p. 117.

<sup>25</sup> CARTA A DIOGNETO. V,7.

<sup>26</sup> RAMOS, F. Actos dos Apóstolos, p. 1377.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 1368.

<sup>28</sup> BÍBLIA. Bíblia do peregrino, p. 2631.

<sup>29</sup> MORESCHINI, C.; NORELLI, E. Manual de literatura cristã antiga grega e latina, p. 73.

<sup>30</sup> JUSTINO MÁRTIR. I Apologia, cap. 67.

<sup>31</sup> CERFAUX, L. Os Atos dos Apóstolos, p. 334.

<sup>32</sup> BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém, p. 2007, nota “a”.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 2007, nota “f”.

<sup>34</sup> *Idem*. Bíblia sagrada, p. 1331.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 1329.

<sup>36</sup> Consulta no *Dizionario etimologico online*: <<http://www.etimo.it/?term=caleidoscopio>>.

<sup>37</sup> AGUSTÍN DE HIPONA. Regula ad Servus Dei, I,2.

<sup>38</sup> *Ibidem*, cf. I,3.

<sup>39</sup> MORIONES, F. Espiritualidade agostiniano-recoleta, p. 214.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>41</sup> AGUSTÍN DE HIPONA. Sermon 356, cf. n. 1. A referência é também evocada pelas *Constituciones* da Ordem dos Agostinianos Recoletos (cf. AGUSTINOS RECOLETOS, Const. 1,3,15).

<sup>42</sup> *Ibidem*, n. 2. Tradução minha.

<sup>43</sup> *Ibidem*, n. 2. Tradução minha.

<sup>44</sup> CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, n. 9.

<sup>45</sup> AGUSTÍN DE HIPONA. Carta 243, cf. n. 3-4; 6-8; 10.

<sup>46</sup> *Ibidem*, cf. n. 2.

<sup>47</sup> *Ibidem*, cf. n. 5; 7.

<sup>48</sup> *Ibidem*, n. 4. Tradução minha.

<sup>49</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Perfectae caritatis, n. 15.

<sup>50</sup> *Idem*. Dei verbum, n. 10.



<sup>51</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 3. Também de acordo com o *Catecismo* (cf. n. 699), Atos 5,12 (versículo do terceiro sumário) atesta a continuidade da missão de Jesus na atenção dos apóstolos aos doentes, mediante a imposição das mãos.

<sup>52</sup> *Ibidem*, n. 857.

<sup>53</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium, cf. n. 13.

<sup>54</sup> *Idem*. Ad gentes, cf. n. 6.

<sup>55</sup> *Ibidem*, n. 25; cf. n. 30.

<sup>56</sup> *Idem*. Sacrosanctum Concilium, cf. n. 6.

<sup>57</sup> *Ibidem*, n. 10.

<sup>58</sup> *Idem*. Presbyterorum ordinis, cf. n. 17.

<sup>59</sup> *Idem*. Christus Dominus, cf. n. 15.

<sup>60</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2624.

<sup>61</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Perfectae caritatis, n. 15.

<sup>62</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, cf. n. 949-953. Nesse trecho também se menciona Atos 4,32 ao se comentar o “*punham tudo em comum*” (*ibidem*, n. 952).

<sup>63</sup> *Ibidem*, n. 2177.

<sup>64</sup> *Ibidem*, cf. n. 1342; cf. n. 1329.

<sup>65</sup> *Ibidem*, n. 2178.

<sup>66</sup> *Ibidem*, cf. n. 2790.

<sup>67</sup> AGUSTÍN DE HIPONA. Enarraciones... Salmo 132, n. 6. Tradução minha.